

Sarney viaja a São Luís com segurança reforçada

BRASILIA — A invasão da casa do Presidente José Sarney, na praia do Calhau, em São Luís do Maranhão, no último domingo, e o clima quente em torno da eleição municipal de amanhã, uma das mais equilibradas do País, levaram o Gabinete Militar da Presidência a reforçar a segurança presidencial em sua viagem de hoje para São Luís, dando-lhe características inéditas nesse sentido. Decolam de Brasília às 14h45m de hoje levando o número totalmente fora da rotina de 19 seguranças, o que nada tem de normal, por mais que o Chefe do Gabinete Militar, General Bayma Denys, responsável pelo esquema de segurança nas viagens do Presidente, procurasse minimizar o fato.

O boletim reservado da viagem — é tão reservado que as pessoas que o receberam estão orientadas a destruí-lo ao fim da viagem — informa que acompanharão o Presidente no primeiro avião sua mulher, Dona Marli, o Ministro da Ciência e Tecnologia, Renato Archer, o próprio Ministro Bayma Denys, o Ministro do Supremo Tribunal Federal José Carlos Madeira, o Senador pedessista Alexandre Costa, o Deputado pedessista Edson Lobão e mais 18 pessoas, entre as quais os três seguranças que normalmente se postam ao lado do Presidente nas viagens. No segundo avião viajam 32 pessoas, a metade das quais é de seguranças.

Apesar desse esquema, o General Bayma Denys disse que a proteção dos seguranças ao Presidente obedece ao esquema normal. Procurou dar sempre a impressão de que o caso da invasão da casa em São Luís e o clima da eleição na cidade não provocaram qualquer preocupação entre os organizadores da viagem nem ao próprio Presidente, que não lhe fez qualquer pedido no sentido de aumentar o número de agentes de segurança.



Do aeroporto à porta da casa do Presidente na praia do Calhau (foto), a polícia fez uma varredura à procura de bombas

— O Presidente se comportou como de hábito — disse o Chefe do Gabinete Militar. — Chamou-me e comunicou que ia a São Luís na quinta-feira e voltaria na manhã de sexta, e eu organizei a viagem, tão rápida, nos esquemas normais.

Ao chegar a São Luís, às 17 horas, o Presidente Sarney recebe os cumprimentos ainda na pista do Aeroporto de Tirirical (oficialmente Aeroporto Marechal Cunha Machado) e 20 minutos depois segue para sua casa da praia do Calhau em automóvel comum, acompanhado de Dona Marli e do ajudante de ordens. O Presidente rejeitou a programação que se pretendia fazer em São Luís

de que seguisse em carro aberto até o Centro da cidade, acompanhado do seu candidato à Prefeitura, Jaime Santana.

Amanhã às 8h Sarney deposita seu voto na urna para Jaime Santana. Meia hora depois embarca de volta a Brasília, onde chega à Base Aérea às 10h30m ou 10h45m. Segue depressa para a residência, o Palácio da Alvorada, onde durante todo o dia receberá informações sobre o andamento das eleições processadas em computador pela equipe do General Ivan Mendes, do SNI. Sábado e domingo o Presidente descansará em seu sítio de São José de Pericumã, no município de Luziânia.

Em São Luís, o Governador Luís Rocha ainda reforçará, com policiamento estadual, a segurança federal que já acompanha o Presidente José Sarney, durante sua permanência na cidade. Mas a Secretaria de Segurança maranhense não soube informar que efetivo empregará nessa missão. Ontem o pessoal da Polícia Federal local vistoriou todo o aeroporto e fez uma varredura no percurso até a praia do Calhau, diante das ameaças telefônicas de que explodirão bombas. O mesmo serviço será feito hoje. Antes de votar, bem cedo, o Presidente deve visitar amanhã o túmulo do pai, com Dona Quiola, a mãe.

SNI e Polícia Federal negam que haja suspeito no caso da invasão

BRASILIA — O SNI e o Departamento de Polícia Federal garantiram ontem que as investigações sobre a invasão da casa do Presidente José Sarney em São Luís do Maranhão domingo passado ainda estão no início e que não há, por enquanto, nenhum suspeito. Com isso pretenderam desmentir que, como divulgaram ontem fontes do próprio Palácio do Planalto, já se tivesse determinado que a invasão seria obra de terroristas de direita ligados ao Deputado paulista Paulo Maluf, provavelmente os mesmos que espancaram manifestantes no bairro da Freguesia do O, em São Paulo, quando Maluf era Governador.

Isso não descarta, entretanto, que se conclua que a invasão à casa de praia do Presidente tenha sido um ato político. Apenas não se concluiu nada, ainda. E, se há suspeição sobre algum grupo, o SNI e a Polícia Federal preferem não revelar nada até o fim das investigações.

— Eu não posso fazer o jogo de facções — disse ontem o Ministro-Chefe do SNI, General Ivan de Souza Mendes, respondendo a um repórter que lhe dizia que no próprio Palácio do Planalto tinham surgido versões sobre o envolvimento de grupos malufistas na invasão da casa.

O porta-voz da Polícia Federal, Paulo Marra, declarou que o Departamento de Polícia Federal desconhece essa versão do assunto, que liga a praia do Calhau à Freguesia do O. Marra vai mais longe dizendo mesmo que não há qualquer suspeito por enquanto. Disse que nem o passo inicial foi dado ainda, porque a primeira providência é ouvir o caseiro

do Presidente no Calhau, Luís, que ainda não foi ouvido porque está doente. Por enquanto o que há é uma perícia na casa, mas mesmo o resultado desta não chegou a Brasília ainda. Só sabe mesmo é que os invasores foram dois.

O Diretor-Geral do DPF, Coronel Luís Alencar Araripe, disse que todas as providências em torno da investigação do ocorrido com a casa do Presidente Sarney em São Luís.

No Palácio do Planalto, o assessor e genro do Presidente Sarney, Jorge Murad, confirmou ontem a um parlamentar que os invasores não foram identificados, mas continua-se a não descartar a hipótese de que tenha sido um atentado político.

Em São Luís, entretanto, a coisa se divide entre versão da oposição e versão da situação — certamente as "facções" de que falou o General Ivan Mendes. O Governador Luís Rocha, adepto tímido da situação (timidez que leva a um tratamento frio por parte da família Sarney, em relação à atual campanha), afirma que a invasão da casa do Presidente Sarney deve ter sido mesmo um ato de "terrorismo eleitoral". E acrescenta: "A técnica utilizada não é típica do Maranhão, parece técnica importada, mas não há qualquer indício na cidade de que haja grupos de fora agindo.

Quanto à oposição, a conclusão é simples: trata-se de uma orgia de um empregado gay, como afirma o Senador João Castelo, marido da candidata do PDS à Prefeitura. Para a oposição, o caseiro Luís é homossexual e recebeu dois rapazes na casa vazia.